

PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE “LISTAS DE PALAVRAS” DE LÍNGUAS INDÍGENAS: O CAYAPÓ DO SUL

Eduardo Alves VASCONCELOS¹

RESUMO: Neste estudo, proponho um pequeno exercício de interpretação dos dados disponíveis sobre o Cayapó do Sul usando dois conjuntos de procedimentos aplicados ao estudo de registros impressionísticos de línguas indígenas americanas. O primeiro foi utilizado por Grannier-Rodrigues em sua dissertação de mestrado (1974), publicada em 1990. A autora propõe uma análise fonológica do Guaraní Antigo, a partir do registro realizado por Ruiz de Montoya. O segundo conjunto de procedimentos foi publicado por Constenla (2000) como “La restitución: un método lingüístico reconstructivo sincrónico”. Para este exercício de análise, buscando torná-lo mais ilustrativo do que conclusivo, serão considerados somente dois registros do Cayapó do Sul: o de Lemos da Silva (1882) e Barbosa (1918). Estes dois registros se caracterizam por ter como anotadores dois falantes de Português do Brasil e usam a grafia do português do fim do século XIX e início do XX.

Palavras-chave: Cayapó do Sul, Listas de palavras, Línguas Jê

RESUMÉN: En este estudio propongo un pequeño ejercicio de interpretación de los datos disponibles sobre el Cayapó do Sul, utilizando dos conjuntos de procedimientos que han sido aplicados al estudio de registro impresionísticos de lenguas indígenas americanas. El primero fue empleado por Grannier-Rodrigues en su disertación de maestría (1974), publicada en 1990. Esta autora propone un análisis fonológico del Guaraní Antigo, recorriendo el registro realizado por Ruiz de Montoya. El segundo conjunto de procedimientos fue publicado por Constenla (2000) bajo el título “La restitución: un método lingüístico reconstructivo sincrónico”. En el presente ejercicio de análisis, con el objetivo de ser más ilustrativo que concluyente, serán considerados solamente dos registros del Cayapó do Sul: Lemos da Silva (1882) y Barbosa (1918). Estos dos registros se caracterizan por tener como anotadores, hablantes de Portugués de Brasil, quienes usaron la grafía del portugués de fines del siglo XIX e inicios del XX.

Palabras Clave: Cayapó do Sul, Lista de palabras, Lenguas Jê

1. Apresentação

A pesquisa em desenvolvimento tem o objetivo de determinar as relações linguísticas existentes entre os Panará, povo indígena brasileiro que estão hoje na Terra Indígena Panará no norte do Mato Grosso, divisa com Pará, e os Cayapó do Sul, povo indígena que manteve intermitente contato com os colonizadores do Brasil Central² no séculos XVIII e XIX e foram dados como extintos na primeira metade do século XX.

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística do IEL/Unicamp; bolsista Fapesp, Processo nº 2008/10995-1; desenvolvendo o Projeto: Discutindo a história lingüística dos Cayapó do Sul: uma análise comparativa com a língua Panará.

2 Os Cayapó do Sul estavam no que hoje correspondente ao centro sul de Goiás, sudeste do Mato Grosso, nordeste do Mato Grosso do Sul, noroeste de São Paulo e a região do Triângulo Mineiro.

O antropólogo Richard Heelas (1979), o primeiro a realizar estudos etnográficos entre os Panará, levantou a hipótese de que estes seriam a continuação, linguística e cultural, dos Cayapó do Sul. Nesta hipótese, um grupo Cayapó do Sul, após os conflitos com os invasores europeus, teria migrado, primeiro para oeste e depois a norte, se estabelecendo às margens do rio Peixoto de Azevedo. Sua hipótese se alicerça em dois pilares, ou fontes: (1) as breves descrições sobre o modo de vida dos Cayapó do Sul realizadas por Pohl e Saint-Hilaire durante a sua passagem pelo aldeamento de São José das Mossâmedes, em 1819; e (2) a lista de palavras Cayapó do Sul publicada por von Martius em 1867³. Ele procura demonstrar, culturalmente, a existência de traços comuns e só pertencentes a estes dois povos e mensura a porcentagem de itens lexicais comuns entre um conjunto de dados coligidos por ele entre os Panará e a lista Cayapó do Sul, presente em Martius (1867).

Schwartzman (1987), também antropólogo, na década de 80, corrobora tal hipótese, partindo dos mesmos relatos já apresentados por Heelas (1979) e utiliza, para a comparação dos itens lexicais, lista de vocábulos da língua Panará anotados por ele e a lista coligida por Pohl (1848) e republicada por Martius (1867). Segundo Schwartzman (1987) haveria, para esta lista, uma porcentagem ainda maior de correspondências, no entanto, ele desconsidera o pequeno equívoco existente na compilação de Martius: palavras da lista anotadas por Saint-Hilaire atribuídas à lista de Pohl, o que põe em dúvida a porcentagem de correspondências apresentadas.⁴

Giraldin (1997) em sua pesquisa a respeito da etnohistória dos Cayapó do Sul procura, entre outros objetivos, embasar a hipótese de Heelas (1979). Sua pesquisa permitiu que viessem a conhecimento as listas de palavras de Alexandre Barbosa (de 1918) e Lemos da Silva (de 1882). Sobre a hipótese, Rodrigues e Dourados (1993), Dourado (2001 e 2004) fazem breves e sintéticos estudos comparativos que confirmariam a hipótese da continuação dos Cayapó do Sul nos Panará.

Esta pesquisa, como exposto, objetiva estabelecer, a partir de análise mais detalhadas das listas de palavras Cayapó do Sul conhecidas (Anônimo, 1788; Pohl, 1848; Saint-Hilaire, 1865; Dr. Kupfer, 1857, Lemos da Silva, 1882, Nehring 1894 e Barbosa, 1918) – e possíveis registros ainda não conhecidos – quais relações existem entre a língua que foi falada pelos Cayapó do Sul e a que hoje é falada pelos Panará. Se é a mesma língua, que mudanças podem ser identificadas em, pelo menos, dois séculos de distanciamento. Caso não seja, que

3 Essas e outras listas de palavras foram compiladas por Martius em seu *Glossarium linguarum Brasiliensium*.

4 Sobre a publicação desta lista de palavras e as consequências para os estudos sobre o Cayapó do Sul, ver Vasconcelos (2009b).

características linguísticas tornaram possível a hipótese de Heelas? Assim, é dada atenção à análise e interpretação das listas de palavras conhecidas, acompanhada de investigação de possíveis documentos sobre a cultura e língua dos Cayapó do Sul; resenha e reanálise dos trabalhos fonológicos existentes sobre o Panará; análises comparativas com línguas da família Jê – extrapolando para línguas Macro-Jê quando processos linguísticos descritos para estas forem mais explicativos do que encontrados naquelas – e, finalmente, realizar uma comparação mais apurada e mais cuidadosa entre os registros do Cayapó do Sul e do Panará.

1. Introdução

Neste estudo, proponho um pequeno exercício de análise usando dois conjuntos de procedimentos aplicados ao estudo de registros impressionísticos de línguas indígenas americanas. O primeiro foi utilizado por Grannier-Rodrigues em sua dissertação de mestrado (1974), depois publicado em 1990, em que a autora propõe a fonologia do Guaraní Antigo a partir do registro realizado por Ruiz de Montoya, no qual ela elenca os seguintes procedimentos para a análise daquele material:

“(a) indicação explícita da natureza do som por Ruiz de Montoya; (b) o valor que tinham no Espanhol do século 17 as letras utilizadas na escrita do Guaraní; (c) particularidades da escrita do Espanhol de Ruiz de Montoya; (d) a ordenação alfabética do *Tesoro*; (e) a provável coerência do sistema fonológico do Guaraní; (f) alternâncias morfofonológicas do Guaraní; e (g) a situação correspondente em dialetos guaranis atuais. (Grannier-Rodrigues, 1990: 15).

O segundo conjunto de procedimentos foi proposto por Constelna (2000) e denominado por ele como método linguístico reconstrutivo sincrônico. Na sua proposta de método, são necessários os seguintes passos: (a) reunião de todos os materiais disponíveis sobre a língua e elaboração de um léxico com todas as entradas na língua; (b) estudo grafemático dos dados em cada fonte com o objetivo de determinar o valor fonético das letras empregadas no registro; (c) inventário de correspondências que se repetem e identificar a distribuição de cada correspondência segundo seu entorno; (d) estabelecer pares de correspondências com relação máxima; (e) determinar se existe ou não oposição entre as correspondências – aqui se teria um inventário de fonemas; (f) anotação dos resultados obtidos no inventário fonemático, descrevendo as realizações de cada fonema e marcando qual é a representação em cada anotador; (g) elaboração de uma transcrição fonemática de cada lexema do léxico geral organizado inicialmente, assim, é possível obter conclusões sobre aspectos da fonologia da língua, como também, distribuição e frequência dos fonemas; e (h) apresentação final dos dados, em que estarão integrados o estudo grafemático e a descrição da fonologia da língua.

Neste estudo, que se configura como um exercício de análise, com o intuito mais ilustrativo do que conclusivo, serão considerados somente duas listas de palavras do Cayapó do Sul: as de Lemos da Silva (1882) e Alexandre de Sousa Barbosa (1918)⁵. Estes dois registros se caracterizam por terem sido anotados por dois falantes de Português do Brasil, utilizando a grafia vigente no português do fim do século XIX, para o primeiro, e início do XX, para o segundo. O primeiro foi anotado numa aldeia Cayapó nas proximidades de Sant'Ana do Paranaíba (atual município de Paranaíba-MS) e ou outro com remanescentes da aldeia da Água Vermelha (no Triângulo Mineiro).

2. Estudo Grafemático

Tanto em Grannier-Rodrigues (1990) quanto em Constenla (2000) o ponto inicial é o estudo grafemático dos registros. Para Constenla (2000), “los aspectos fundamentales que hay que tomar en cuenta para la adecuada determinación de valores fonéticos de las letras” são: a) sistema de escrita empregado; b) época em que se coletaram os materiais; c) as tradições locais (uso comuns de um determinado local para o registro de línguas indígenas da região); d) traços pessoais da grafia; e) observações feitas pelo transcritores ou por qualquer outro observador; f) empréstimos tomados pela língua em análise; g) comparação de transcrições; h) uso de resultados do método comparativo, conhecimento tipológico areal e de linguística geral como elementos auxiliares.

Aqui se observa onde as duas propostas de análise se encontram, de fato, os procedimentos de Grannier-Rodrigues (1990) pouco se diferencia daqueles propostos por Constenla (2000) para a análise grafemática. O ponto que se destaca em Costenla (2000) é considerar cada registro de um item lexical como uma variação, ou seja, diferencial deste é aplicação subsequente de uma análise fonológica (ou fonêmica) predeterminada, a qual deve ser aplicada aos registros como única fonte, o que permite utilizá-los para descrever alofonias. No entanto, se considerarmos não só a análise de Grannier-Rodrigues (1990), como também de outros pesquisadores e estudiosos de registros impressionísticos de línguas indígenas brasileiras, observaremos que a análise fonológica subsequente está veiculada aos pressupostos teóricos assumidos pelo pesquisador.

Na sessão a seguir faço uma proposta sintética de análise grafemática para os dois registros, uma vez que apresento exposição mais longa destas listas em outros locais (Vasconcelos: 2009, para Alexandre de Sousa Barbosa; 2010, para Joaquim Lemos da Silva).

5 Daqui em diante somente Barbos e Lemos da Silva, ano e página serão indicados quando necessário.

2.1. Os índios Cayapós, Lemos da Silva (1882)

Neste registro, as obstruintes [p] e [t] são representadas por *p* e *t*, respectivamente. Já [k] é representado por *c* e por *qu*, *c* quando diante de [a], [o] e [u] e *qu* quando diante de [i] e [e]. Para Constenla (2000), há dois tipos fundamentais de desvios de transcrições (seguindo Gleason, 1961): infradiferenciação, “empleo del mismo símbolo gráfico para transcribir dos o más fonemas distintos”, e supradiferenciação, “empleo de os más símbolos gráficos distintos para um mesmo fonema”). No caso do grafema <c>, teríamos um caso de infradiferenciação, uma vez que ele estaria marcando, neste caso, dois sons [k] e [s]. No entanto, observando como este grafema é aplicado na ortografia do português (seguindo, assim, o procedimento (a) acima) podemos deduzir qual som está representando. Feito isso, é possível observar que se trata também de um caso de supradiferenciação: *qu* e *c* são usados para marcar a obstruinte velar [k]. Outro caso de supradiferenciação nesta lista é o uso de *ch* e *x* para a fricativa [ʃ]. Ainda sobre as obstruintes, [s] é representado por *s*.

<i>p</i>	[p]	<i>pacô</i>	[pa'ko]	‘lábios’
<i>t</i>	[t]	<i>patuca</i>	[patu'ca]	‘barriga’
<i>c</i>	[k]	<i>cuxá</i>	[ku'ʃa]	‘cachaça’
<i>qu</i>	[k]	<i>iquêtupe</i>	[i'ketupe]	‘estou com fome’
<i>s</i>	[s]	<i>suncré</i>	[sũ'krɛ]	‘nádegas’
<i>ch</i>	[ʃ]	<i>chuninxi</i>	[ʃũni'ʃi]	‘galinha’
<i>x</i>	[ʃ]	<i>xaquiátu</i>	[ʃa'kʃatu]	‘papo/papo grande’

As nasais [m], [n] e [ɲ] são representadas por *m*, *n* e *nh*. Tanto [m] quanto [n] ocorrem no início de palavras, enquanto os poucos dados com [ɲ] são em *onset* interno. As consoantes nasais parecem ser utilizadas para marcar nasalidade nas vogais, o que pode ser observado em *taumpé ~ taõpe* ‘bonito’. O que obscurece a realização das consoantes nasais em *coda* (infradiferenciação).

<i>m</i>	[m]	<i>maquia</i>	[makja]	‘me dá’
		<i>tamancare</i>	[tamãkare]	‘feio’
<i>n</i>	[n]	<i>napiá</i>	[na'pja]	‘onça’
		<i>potinachanxe</i>	[potinaʃãʃe]	‘gado’
<i>nh</i>	[ɲ]	<i>xitacritanhanha</i>	[ʃitakritapãɲa]	‘vestido vermenlho’

As soantes [w] e [j] são representadas ora pelas vogais *u* e *i*, respectivamente. A soante [j] também é representada por *y*. Os grafemas *i* e *u* representam as soantes quando seguidas ou precedidas por vogais, ou seja, como *onset* – *uachã* ‘irmão’, *xapaia* ‘enxada’ – ou possível *coda* – *tonxeu* ‘arroz’.

Os diacríticos agudo (´) e circunflexo (^), em português são usados, em um delimitado conjunto de palavras, para marcar a sílaba tônica no grafema. Tais diacríticos nos grafemas <e> e <o> indicam também qualidade vocálica. Nestes dois registros seu uso é obscurecido pelo acúmulo destas duas funções na ortografia adota para o registro, nestes não são encontradas ocorrências em que estejam distinguindo significado. Preliminarmente, interpreto aqui que a presença dos segmentos indica, ao menos fonética, abertura vocálica.

<i>i</i>	[i]	<i>iche</i>	[iʃe]	‘órgão do prazer sexual da mulher’
<i>e</i>	[e]	<i>panche</i>	[pãʃe]	‘mamas’
<i>ê</i>		<i>tamancuê</i>	[tamãʹkue] ou [tamãʹkwe]	‘despedida’
<i>a</i>	[a]	<i>cuxá</i>	[kuʹʃa]	‘aguardente’
<i>ó</i>	[ɔ]	<i>copópó</i>	[kopoʹpo]	‘foice’
<i>ô</i>	[o]	<i>pacôcô</i>	[pakoʹko]	‘unhas’
<i>o</i>		<i>inchoti</i>	[iʃoti]	‘estrelas’
<i>u</i>	[u]	<i>uxum</i>	[uʃũ]	‘pai’

Já as vogais nasais estariam sendo representadas pelo acento til (~) ou pela sequência *v+consoante nasal*.

<i>in</i>	[ĩ]	<i>intonhã</i>	[itõpã]	‘olho torto’
<i>im</i>		<i>paquim</i>	[pakĩ]	‘cabelos’
<i>en</i>	[ẽ]	<i>quitatiên</i>	[kitatiẽ] ou [kitatjẽ]	‘acabou’
<i>ã</i>	[ã]	<i>pããto</i>	[pã:to] ou [pã.ã.to]	‘língua’
<i>an</i>		<i>pantó</i>	[pãʹto]	‘olhos’
<i>õ</i>	[õ]	<i>cõõ</i>	[kõ:]	‘machado’
<i>on</i>		<i>tonxeu</i>	[tõʃeu] ou [tõʃew]	‘arroz’
<i>un</i>	[ũ]	<i>suncre</i>	[sũkre]	‘nádegas’
<i>um</i>		<i>uxum</i>	[uʃũ]	‘pai’

Os itens seguintes são registros da oclusiva sonora [b]: (a) *incretuba* ‘patrono’, (b) *achotemanancabu* ‘homem mal ou bravo (estar bravo?)’, (c) *cuxaquiá ietube* ‘(estar) bêbado’, (d) *compembe* ‘acabou’ e (e) *nacretibu* ‘estar cheio (?)’. Para (a) pode depreender-se um elemento não Cayapó *-tubá* (termo semelhante ao Tupinambá *t-uß-a* rel-pai-arg ‘pai’⁶). Para os demais, há na lista de Lemos da Silva inconsistências e variação no registro com [p] ou [mp], o que indicaria que seria somente variação não condicionada de /p/, ou mesmo de /m/.

6 Conferir Rodrigues 2010: 24. Provavelmente empréstimo de Língua Geral.

2.2. Cayapó e panará, Alexandre de Sousa Barbosa (1918)

Barbosa (1918) faz as seguintes observações sobre o seu registro:

A principio pensei e tentei mesmo escrever as palavras, decompondo-as em seus monosyllabos; este processo representará melhor o falar dos panarás; pois elles pronunciam quase sempre cada syllaba esporadicamente, deixando pequeno intervallo de uma a outra syllaba; resolvi, porém, escrever da maneira que adeante se verá afim de evitar graphar os monosyllabos com alteração dos radicaes, defeito grave, que a minha ignorancia da lingua podia ocasionar. Se algum dia me for dada oportunidade de estudal-a, modificarei provavelmente a actual escripta do vocabulario.

Empreguei o signal *â* para representar um som, que não é o *a* de *mas*, conjunção, nem o fechado de *ovo*.

O *h*, excepto em *nh*, é sempre aspirado.

Nh leia-se como em portuguez, exepcto em *anhán*, onde representa modificação vocal que em nossa língua não existe.

O *y* soa quase como o *u* francez.

A modificação vocal *k* representei sempre por *k*.

As vozes *an*, *en*, *in*, *on*, *un*, *am*, *em*, *im* e *um* são nasaes e soam como em portuguez, exepcto nos verbos quando o *n* é precedido por *ti*; assim *tinunkiâ* pronuncia-se *ti nun kiâ* e não *tin un kiâ*.

A letra *v* só tive a occasião de empregar em *voçum* = pae.

Faltam nesta lingua as modificações vocaes *fe*, *je*, *le*, *re* (vibrante) e *z*.

Gui, *gue* leia-se com em *guia*, *azorrague*; *gua* leia-se como em *guano*.

(Barbosa, 1918: 40-41)

Considerando as informações prestadas por Barbosa, nos detemos em descrever os demais grafemas. Assim, [p], [t], [b], [d] são representadas por *p*, *t*, *b*, e *d*, respectivamente. Como exposta [k] está representado por *k*, no entanto, há ocorrência de *c* em *ainnicôp* 'varejeira', *çancou* 'barba', *iópticuá* 'bom cão', considerando o uso deste grafema em português, seria natural deduzir que nestes casos *c* estaria representando [k], apesar da observação de Barbosa. Para este caso, coloco como possibilidades: (a) trata-se de um "esquecimento" do anotador, deixando de usar *k* e usando *c*; (b) a tentativa de representação de um outro som. Sobre [s], ele sua *s*, *ç* e *c*. Outro ponto que a observação de Barbosa sobre o grafema não está clara é para *iiguuê* 'nascimento', uma vez que ele não trata do caso em que temos *gu + u*. As obstruintes estariam assim representadas:

Barbosa	IPA	Exemplos		
p	[p]	<i>puno</i>	[ˈpuno]	'abaixar'
b	[b]	<i>batutiínán</i>	[batuti i'nã]	'tamanduá-bandeira'
t	[t]	<i>tatúpiâ</i>	[tatu'pjə] ou [tatu'piə]	'avô'
d	[d]	<i>iundé</i>	[jũdɛ]	'atravessar'
k	[k]	<i>cinakôkô</i>	[sinako'ko]	'besouro'
g	[g]	<i>tinugrê</i>	[tinugre]	'escorregar'
ç	[s]	<i>içáátóómám</i>	[isa:tɔ:'mãm]	'tição'

c	[s]	nací	[nasi'si]	‘gostoso’
s	[s]	tánsuén	[tãsuẽ] ou [tãswẽ]	‘ferir’
x	[ʃ]	xinunxí ikré	[ʃinũ'ʃi i'krɛ]	‘ovo de galinha’
h	[h]	mahán	[ma'hã]	‘ema’

Já *m*, *n*, *nh* e *ng* representariam [m], [n], [ɲ] e [ŋ].

m	[m]	timuçúkuátú	[timusũkwa'tu] ou [timusũkwa'tu]	‘estender’
n	[n]	tiçuánén	[tisua'nẽ] ou [tiswa'nẽ]	‘falar’
nh	[ɲ]	tónhót	[tɔ'ɲɔt]	‘caetetú’
ng	[ŋ]	iápúng	[ja'puŋ]	‘descer’

A soante [r] por sua vez está representado por *r*. As letras *i* e *u* são usadas tanto para registrar as vogais [i] e [u] quanto as soantes [j] e [w]. Esses grafemas estariam representando as soantes quando seguidas ou precedidas por vogais, é possível que estas também estejam formando *onset* complexo com as obstruintes.

r	[r]	ipâre	[ipære]	'chifrada'
u	[w]	tóuacê	[tɔwase]	‘pagode, dançar’
i	[j]	iató	[ja'tɔ]	‘broto’

Apesar do grande número de ocorrência, Barbosa não dá qualquer explicação sobre o uso dos diacríticos (agudo e circunflexo), tal como em Lemos da Silva. O uso de mais de um diacrítico num mesmo vocábulo pode evidenciar quando estes estariam marcando a qualidade da vogal. Seguindo a descrição de Barbosa, *â* está representando [ə]. A ocorrência do agudo em *í* e *ú* torna ainda mais problemático o seu uso nas demais vogais, contudo, justamente porque o português relaciona sílaba tônica e abertura vocálica, assumo que em *é/ê* e *ó/ô* temos uma distinção de qualidade de vogal e os demais casos, teríamos uma identificação da sílaba tônica.

Barbosa	IPA	Exemplos		
í, i	[i]	icê	[i'se]	‘vulva’
e	[e]	cêcê	[se'se]	‘aranha’
é	[ɛ]	kukré	[ku'krɛ]	‘aldeia’
y	[i]	iápytú	[japi'tu]	'barrigudo'
á,a	[a]	tráko	[trako]	‘bexiga natatória’
â	[ə]	çâkrê	[sə'krɛ]	‘aberto’
ú, u	[u]	kukút	[ku'kut]	‘abobóra’
ô	[o]	çankôtén	[sãko'tɛ]	‘babar’
ó	[ɔ]	intókré	[itɔ'krɛ]	‘barranco’

As vogais nasais são registradas com a grafia de *n* após a vogal, tal como exposto. Tal

opção, também como ocorre em Lemos da Silva, torna a identificação da coda nasal ou mesmo obstruinte um tanto problemática. Aqui o uso do diacrítico marcaria somente sílaba tônica.

Barbosa	IPA	Exemplos		
in, ín	[ĩ]	xinnampré	[ʃĩnãmpɾɛ]	‘relho’
en,én	[ẽ]	tentént	[tẽ'tẽt]	‘tremer’
yn	[ỹ]	cyncy	[sỹ'sỹ]	‘rir’
an, án	[ã] ou [ə]	ankrê	[ã'kre] ou [ə'kre]	‘tatu’
un, ún	[ũ]	çuncêpó	[sũse'pɔ]	‘velha’
on, ón	[õ]	ikón	[i'kõ]	‘quadril’

3. Uma possível interpretação

Seguindo o método de Constelna (2000), a lista unificada é reduzida a 56 itens, pois, ao considerar justamente as correspondências, um mesmo item precisa estar presente em nos registros disponíveis. Neste estudo, em particular, a interpretação dada seguirá o indicado pelo método proposto, porém, considerando isoladamente o registro de Barbosa, pois, como exposto, esta lista se caracteriza por apresentar um conjunto de cerca de 700 itens que muito auxiliará na investigação sobre a língua falada pelos Cayapó do Sul.

3.1. obstruintes

Tanto Lemos da Silva (1892) quanto em Barbosa (1911), há uma representação regular das obstruintes [p], [t] e [k] em início de palavras:

	Lemos	Barbosa	
#__	p:p <i>pucuá</i>	<i>pukuá</i>	‘céu’
	t:t <i>taumpé</i>	<i>tompé</i>	‘bonito’
	k:k <i>catêté</i>	<i>katétét</i>	‘branco’

No contexto intervocálico, [p] e [t] também apresentam ocorrências semelhantes:

V__V	p:p	<i>capachuá</i>	<i>kapaxuá</i>	‘sal’
	t:t	<i>inchoti</i>	<i>ançoti</i>	‘estrelas’

Tal regularidade não parece ocorrer com as correspondências da velar, pois entre as correspondências ora temos a (i) velar seguida por aproximante (ou vogal) palatal (*xaquiátu* : *çunkiôtu* ‘papo’; *paquiã* : *kián* ‘cabeça’); ora pela (ii) aproximante [w] – ou vogal posterior – (*pucuá* : *pukuá* ‘céu’). Para (i) além da presença da palatal seguinte, é possível identificar uma fronteira de morfema⁷; já em (ii) não está claro que se trate da aproximante, é possível que aí ocorra a vogal posterior e assim *pu.ku.á*. considerando os registros isoladamente esta obstruinte

7 Em Barbosa: *çuntót* ‘língua’; *çakuá* ‘boca’.

ocorre regularmente em contexto intervocálico: *patuca* 'barriga', *paco* 'lábios' (Lemos da Silva); *ikô* 'macaco', *iká* 'tossir' (Barbosa).

As ocorrências das obstruintes em *coda* só são registradas por Barbosa, aproximadamente 80 itens com a alveolar [t], enquanto para [p] temos uma dezena e para [k] apenas um par e em *coda* interna. Em correspondência com a lista de Lemos da Silva, temos: 'branco' *catête* : *katétét*, em que a *coda* parece não ser registrada; 'dormir (?)' *paninhote* : *panhót* e 'umbigo' *pantóte* : *çuntot* em que a *coda* varia com a presença a presença da vogal *e*. Neste último caso, a marcação do possível assento de intensidade parece indicar que a última sílaba é átona, ou seja, ou ela não é percebida por Barbosa ou ainda é uma vogal empentética⁸, a seguinte observação de Barbosa (1911) traz mais um indício a essa hipótese: “*atóme* 'arma' 'pronuncia-se à tó me, sendo o *e* mudo” (p.57).

Já para as obstruintes contínuas, tanto há correspondências de ʃ : ʃ ('sal' *capachuá* : *kapaxuá*, 'gado' *potinachã* : 'vaca' *putinaxô*) quanto, a de maior ocorrências, de ʃ : s ('enxada' *xapaia* : *çapaia*, 'pai' *uxum* : *uçum*, 'vagina' *iche* : *icê*), sendo esta última a mais comum; em Barbosa a ocorrência de [s] é a mais geral, enquanto as ocorrências de ʃ estariam condicionadas a presença da vogal [i], como em 'intestino' *xín*, 'torto' *xitú*, entre outros, com exceção para: 'vaca' *putinaça*, *putinaxô*, 'cópula' *prenxê* e 'sal' *capachuá*. Já em Lemos da Silva encontra-se situação inversa em que as ocorrências de [s] são justamente aquelas em que são seguidas por [i] e as de ʃ a mais geral, exceptuando *suncré*.

Dentre as correspondências das obstruintes, merece atenção aquela entre h:k, observada em dois itens: 'anta' *hiute:kiút* e 'cavalo' *hiutaxã:kitaçá*; nos dois registros há poucos e mesmo questionáveis ocorrências da fricativa, o que nos colocaria na posição de afirmar que se trata de uma possível percepção equivocada⁹ da velar [k]¹⁰.

3.2. Soantes

As soantes identificadas no estudo grafemático tanto da lista de Lemos da Silva quanto na de Barbosa foram: [r], [w] e [j]. Em Barbosa são encontrados itens em que [r] ocorre em *coda* silábica: *kir* 'frio'; e em posição intervocálica *aréne* 'tabaco', sendo mais frequente em *onset* complexo com obstruintes [p] e [k]; já em Lemos da Silva, tal soante só se realiza em *onset* complexo – *prinche* : *prenchê* 'cópula carnal', *incrê* : *inkré* 'escroto'.

A soante [j] é registrada em *onset* tanto em início de palavra quanto em posição

8 A empêntese de vogais em sílabas átonas finais em línguas Jê tem sido observado em Kaingang (D'Angelis, 2008), Mebengogre e Apinajé (Salanova, 2001), e ainda Panará (Vasconcelos & D'Angelis, 2011).

9 Descarto aqui problemas advindos de tipografia, pois trata-se de dois manuscritos em bom estado de conservação e dos quais tive acesso aos originais.

10 Seguindo as definições dos traços acústicos dada por Jakobson, Halle & Fant (1958), o *h* pode ser considerado como pertencente ao grupo de consoantes graves, tal como as velares e as labiais.

intervocálica: *yote* 'não', *xapaia* 'enxada' em Lemos da Silva; *iaká* 'dia', *çapaia* 'enxada' em Barbosa. Já com a soante [w] temos em Lemos da Silva *uachã* 'irmão' e em Barbosa *ankêuacê* 'mangaba, mangabeira'. Além da posição intervocálica nos dois registros também é possível que tanto [j] quanto [w] estejam formando *onset* complexo com obstruintes: *pucuá* : *pukuá* 'céu'; *capachuá* : *kapaxuá* 'sal'; *napiá* : *napiá* 'onça'. A ocorrência destes segmentos em *coda* silábica, deve considerar a variação encontrada entre *taumpé* : *tompé* 'bonito', pois tal variação pode sugerir um possível alongamento vocálico, a ausência destes segmentos em *coda* na qual o núcleo vocálico não seja, para [j], vogais anteriores e, para [w], vogais posteriores corroboraria a hipótese que estas soantes não estão presentes nesta posição silábica.

3.3. Nasais

As consoantes nasais apresentam as seguintes correspondências em *onset* de sílaba:

	Lemos	Barbosa	
m:m	<i>tamancare</i>	<i>tómanká</i>	'feio'
	<i>piáchomã</i>	<i>tipiáçômán</i>	'mamar'
n:n	<i>potinachã</i>	<i>putinacê</i>	'gado'
	<i>panata</i>	<i>panatá</i>	'farinha'
	<i>napiá</i>	<i>napiá</i>	'onça'
ɲ:ɲ	<i>paninhote</i>	<i>panhót</i>	'dormir (?)'

Para o último caso é preciso considerar dois pontos: a pouca ocorrência nas duas listas e a possibilidade de que estes segmentos estejam em contexto de vogal nasal, caso em que estas vogais nasalizariam [j], realizando-se como [ɲ].

A identificação das consoantes nasais em *coda* a partir das listas de palavras do Cayapó do Sul encontra algumas dificuldades: a) a opção dos anotadores de registrarem as vogais nasais pela sequências v+n (ou m); b) registro precário de processos fonológicos desencadeados pelas vogais nasais, comum as línguas jê como aponta D'Angelis (1998), Salanova (2001) e Rodrigues (1993)¹¹.

3.4. Vogais orais

Davis (1966) propõe para o proto-jê um sistema de nove vogais orais: as anteriores /i/, /e/ e /ɛ/; as posteriores não-arredondadas /i/, /ə/ e /a/ ; e as posteriores arredondadas /u/, /o/ e /ɔ/. A partir dos dados disponíveis não há par de palavras que possibilite informar

¹¹ Entre outros estudiosos que se detiveram em análise fonológica das línguas Jê.

categoricamente que o Cayapó do Sul tenha mantido as três alturas vocálicas encontradas na protolíngua, parece mais provável que o seu sistema de vogais orais mantenha somente duas alturas: [+alto] /i/, /ĩ/ e /u/ e [-alto] /e/, /a/ e /o/. Contudo, as marcas com diacríticos necessitaram de maiores esclarecimentos, por hora, manterei a interpretação de duas alturas. Como exposto em Barbosa (1911) ele usa o grafema *y* para um som que “soa quase como o *u* francês”, que aqui interpreto como uma realização de /i/, enquanto usa *â* para média “empreguei o sinal *â* para representar um som, que não é o *a* de *mas*, conjunção, nem o fechado de *ovo*” (Barbosa, 1918:40). As correspondências seguintes também estariam evidenciando a realizações da vogal [ə]:

	Lemos	Barbosa	
o:a	[ə]	<i>potiti</i>	<i>batuti</i> ‘tamanduá’
â:o	[ə]	<i>cuxá</i>	<i>inkôço</i> ‘caxassa, aguardente’

Em Barbosa são encontrados outras ocorrências que podem ser interpretadas como tentativas de registro destas vogais:

a) para /ə/

<i>kitaça</i> ~ <i>kitacê</i>	'cavalo'
<i>putinaçâ</i> ~ <i>putinacê</i>	'vaca'
<i>keuacê</i>	'porco'
<i>keuaçain</i>	'leitão'

b) para /i/

<i>ptuá</i> ~ <i>putuá</i>	'lua'
<i>ptikô</i> ~ <i>ptukô</i>	'noite'
<i>çutón</i> ~ <i>citón</i>	'tio'

3.5. Vogais nasais

Para a identificação das vogais nasais, é mais vantajoso por conta da maior quantidade de itens tomar a lista de Barbosa isoladamente, pois ao considerar a lista unificada com a de Lemos da Silva, não é possível apreender como estes sons possam está operando na língua. Assim, como exposto na seção 2.2, ao tratar do estudo grafemático da lista de Barbosa (1911), as vogais nasais encontradas foram : /ĩ/, /ẽ/, / ĩ /, /ã/, /ũ/ e /õ/ (as ocorrências podem se verificadas no item citado).

4. Considerações Finais

Aqui, como exposto, é somente um exercício de aplicação para registros impressionísticos de línguas indígenas, em que são dadas diretrizes para o estudo grafemático e

alguns pontos para, segundo método de retitutivo, avaliar as variações encontradas de um registro para outro. Muitos pontos ainda necessitam de análise mais aprofundadas. Constelna (2000) aponta que o método que propõe não pode ser aplicado há um único registro, outro possível limite pode ser exemplificado neste caso, quando temos um registro relativamente extenso de 700 itens, sendo contrastado com outro de 90 itens, pois, ao aplicar somente aos itens que se correspondem em dois ou mais registros inevitavelmente um certo número de entradas devem ser ignoradas, no entanto, neste caso essa perda é sensível e tal como ocorre nas vogais nasais, outras características da língua não são evidenciadas só nas correspondências, ou estas trazem poucos esclarecimentos. O mérito de tal método é sistematizar estudos de listas de palavras, que, tal como ocorre com Cayapó do Sul, são os únicos registros existentes para diversas línguas.

5. Referências Bibliográficas

- BARBOSA, A. S. *Cayapó e panará*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1918.
- COSTENLA, A. La Restitución: um método lingüístico reconstructivo sincrônico. *Revista de Filología y Lingüística*, Costa Rica, v. XXVI, n.2, pp.161-180. 2000.
- D'ANGELIS, W. R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. Tese (Doutorado em Lingüística) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998. 2 vols.
- D'ANGELIS, W. R. Algumas notas comparativas sobre o dialeto Kaingang Paulista. In TELES, S.; PAULA, A. S. de. *Topicalizando Macro-Jê*. Recife: Nectar, 2008. pp-29-48.
- DOURADO, L. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese (Doutorado em Lingüística) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- DOURADO, L. As Vicissitudes do Povo Panará e a sua Língua. *Atas do II Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste: integração lingüística, étnica e social* Goiânia: UFG, 2004, PP. 172-178.
- GIRALDIN. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil central*. Campinas: Educamp, 1997. 198p.
- GRANNIER-RODRIGUES, D. M. *Fonologia do Guaraní Antigo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 86p.
- HEELAS, R. *The social organization of the Panara, a Ge tribe of Central Brazil*. 1979. Thesis (Ph.D.). University of Oxford.
- JAKOBSON, Roman; FANT, C. Gunnar M.; HALLE, Morris. *Preliminaries to Speech Analysis. The distinctive features and their correlates*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1952.
- LEMOS DA SILVA, J. *Os índios Caypós*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB, 1882.
- MARTIUS, Carl F. P. v. *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen* [Glossarium linguarum Brasiliensium]: Glossários de diversas línguas e dialetos, que fallao os Índios no imperio do Brazil. Leipzig, 1867. 548p.
- POHL, J. E. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhoechsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser, 1832.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (orgs). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 164-206.
- RODRIGUES, A. D. Estrutura do Tupinambá. CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; DUARTE, F. B. (orgs.). Campinas: Curt Nimuendajú, 2010. p. 11-42.
- RODRIGUES, A. D.; DOURADO, L. Panará: identificação lingüística dos Kren-Akarore com os Cayapó do Sul. Anais da 45a Reunião Anual da SBPC (Recife, PE), vol. 2, p. 505, 1993.
- SALANOVA, A. *A nasalidade em Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. 2001. Campinas: IEL-UNICAMP. 2001. Dissertação de Mestrado
- SCHWARTZMAN, S. The Panara of the Xingu National Park: the transformation of a society.

1987. Thesis (Ph.D.). University of Chicago.

VASCONCELOS, E. A. Estudo Preliminar do Cayapó do Sul. In BRAGIO, Silvia L. B.; FILHO, Sinval M. S. (orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. 2009a, p. 315-328.

VASCONCELOS, E. A. Sobre as listas de palavras Cayapó do Sul de São José da Mossâmedes. *Revista Sínteses*, v. 14. 2009b, p. 405-423.

VASCONCELOS, E. A. Os registros linguísticos da língua que foi falada pelos Cayapó do Sul de Santana do Panaraíba. *Anais do 5º Encontro do Grupo de Estudos Linguísticos do Centro Oeste*. Dourado, ms. 2010. Disponível em: <http://www.gelco.org.br/encontro2010>.

VASCONCELOS, E. A.; D'Angelis, W. R. Repensando la fonología de la lengua Panará (Jê). In: JORNADAS DE FONÉTICA Y FONOLOGÍA, 2, 2011, Córdoba. Universidad Nacional de Córdoba.